

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
CAMPUS V DE CAJAZEIRAS – PARAÍBA

**DIFICULDADE NO ENSINO DA LEITURA NAS SERIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

2005

Maria Cipriano da Silva
Adriana Cartaxo da Silva

Trabalha monográfico apresentado ao curso de pedagogia CEP/UFCG, com o requisito parcial para aprovação na disciplina do Estágio supervisionado em supervisão escolar, sob orientação da professora Elzanir dos Santos.

Universidade Federal de Campina Grande
Cajazeiras, Março de 2005



S586d Silva, Maria Cipriano da.
Dificuldade no ensino da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental / Maria Cipriano da Silva, Adriana Cartaxo da Silva.- Cajazeiras, 2005.
32f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Ensino fundamental - leitura. 3. Formação de leitor. I. Silva, Adriana Cartaxo da. II. Santos, Elzanir dos. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 028

DEDICATÓRIA

Dedicamos primeiramente a Deus, por ter nos dado a força e coragem para enfrentar todas as dificuldades encontradas durante a nossa longa caminhada. E em especial aos nossos familiares e amigos que tanto nos incentivaram durante esse período de estudo.

SUMÁRIO



Introdução.....	05
As dificuldades no ensino da leitura do ponto de vista da professoras do Ensino Fundamental das series iniciais.....	11
Leitura: O prazer da descoberta.....	14
Procedimentos Metodológicos.....	20
Expectativas e reflexões acerca do ensino da leitura.....	21
Considerações finais.....	26
Referenciais Bibliográficas.....	27
Anexos.....	28

INTRODUÇÃO

A importância do ato de ler vem de tempos remotos, quando os homens pré-históricos decifravam caracteres feitos nas paredes das cavernas, efetivando assim a comunicação no seu grupo.

Inegavelmente o ensino da leitura na escola tem uma importância capital na formação do leitor em nossa sociedade. A escola enquanto instituição socialmente responsável por este ensino tem se defrontado ao longo do tempo com diferentes “formas de aprendizagem” que visam, em última instância, a compreensão e a interpretação de textos.

Estas diferentes formas apresentam implicitamente, ou não, determinadas concepções de leitura. Isto coloca como questão a necessidade de se refletir sobre o que é leitura ou, mais especificamente, o que a escola pensa sobre a leitura e seu ensino.

Sabemos que, o ato de leitura é um ato cultural e social, portanto, é de grande importância o acesso, por meio da leitura pelo aluno, a diversos tipos de materiais escritos, uma vez que isso possibilita aos mesmos o contato com práticas culturais mediadas pela escrita. Propiciar aos alunos práticas de leitura permite-lhes vivenciar o papel de “leitores”, assim, eles poderão relacionar a linguagem com os textos e os diversos gêneros e portadores sobre os quais se apropriam tais como: livros diversos, bilhetes, cartas, revistas, jornais, etc.

Ler é um ato que produz posturas, valores e atitudes. A prática de leitura vista mesmo sob o aspecto de lazer é um ato relevante e considerável, já que a aquisição de cultura letrada mesmo que indiretamente, traz posturas críticas que permitem a reflexão e posicionamentos de determinados assuntos. E sob formas de aquisição de conhecimentos, sua importância é ainda maior, já que permite diretamente a capacidade de adquirir novos conceitos e informações, trazendo para o leitor um grau de cultura mais elevado.

Sendo a leitura uma conquista de autonomia e desenvolvimento intelectual, proporciona ao leitor, elementos para uma postura crítica entre outras inúmeras funções. Dentre as quais se destaca como essencial na

prática de educador a formação de leitores conscientes de seu papel na sociedade.

Partindo dessa compreensão é que realizamos na EMEIEF Vitória Bezerra na cidade de Cajazeiras, uma conversa informal, na qual os professores expuseram-nos as dificuldades que enfrentam no cotidiano escolar quando do ensino da leitura. Partindo do fato que o ensino da leitura na escola em questão é permeado por dificuldade múltiplas é que nos prontificamos, estudar e investigar, quais eram de fato essas dificuldades enfrentadas e como podíamos contribuir para amenizá-las.

Partindo de tal preocupação definimos como objetivos específicos: a análise das dificuldades encontradas pelos professores da 1ª fase do ensino fundamental da EMEIEF Vitória Bezerra; a verificação das concepções de leitura dos professores da referida escola; e a investigação da prática metodológica docente como contribui para um bom aprendizado pelo aluno.

Neste sentido, a importância deste trabalho se deve à possibilidade de refletirmos sobre a prática do ensino da leitura em sala de aula.

Assim o presente trabalho ficou organizado: O capítulo I apresenta as contribuições teóricas sobre a temática em questão: Dificuldades do Ensino da Leitura. O capítulo II apresenta os procedimentos metodológicos. O capítulo III apresenta a análise dos dados da pesquisa que originou este trabalho. O capítulo IV apresenta o relato dos vários encontros realizados entre nós e os professores envolvidos nesse projeto. E o capítulo V traz as conclusões desse trabalho que aqui apresentamos.

Para a professora C leitura é "*o ato de permitir diversos interpretações aos textos lidos*" *Compreender as interpretações dos alunos e apoiar-se nelas para ajudá-los a avançar em sua competência leitura*" Encontramos na fala dessa professora algo muito consistente a medida que acreditamos que interpretar passa efetivamente pelo ato de ler, pois ler não significa simplesmente decodificar os signos lingüísticos, visto que a criança em idade escolar ou mesmo antes dela, de alguma forma já se apropria de ato de leitura mesmo que não o faça efetivamente, pois objetos de leitura encontram-se à sua volta diariamente, mesmo que ela não se aperceba desse

fato, corriqueiramente ela vive situações como as que sugerimos abaixo: em casa quando a mãe está preparando uma receita ou lendo uma bula de remédio ou mesmo um jornal; na rua, nos cartazes espalhados por toda a cidade; nos letreiros dos ônibus; enfim, mesmo que algumas convivam com esses portadores de leitura e ainda não reconheçam sua função de fato de alguma maneira interpretam o que está escrito e isto implica leitura no seu dia-dia mesmo que esta não corresponda à decodificação efetiva dos signos lingüísticos.

Tomando o depoimento da professora F percebemos que ela ainda conserva uma visão um tanto restrito do que seja leitura não desvinculando assim, esta da escrita – *“são sinais de decodificação que representam informações registradas”*. Dizemos restritas porque acreditamos que a leitura é bem mais que isso, apesar de que o hábito de leitura está intimamente ligado à escrita, por isso, a maioria acredita ler seja tão somente decodificar os signos lingüísticos para o que nos alerta Martins com sua fala: *“Como explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler a mão”, “ler o olhar de alguém”, “ler o tempo”, “ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita?”* (1994,p.7). Assim, Martins nos dá uma idéia de que o ato de ler não deve passar necessariamente pelo escrito.

Quando perguntamos: - Que atividades você desenvolve para despertar nos alunos o gosto pela leitura? As professoras E e F responderam que *“utilizam o que a escola oferece, que são histórias infantis”*. O que à priori nos leva a observar a carência de outros portadores de texto, pela escola. Apesar que uma das professoras ainda cita revistas, jornais, rótulos, percebemos que deve ser um número resumido, mas, que assim mesmo não impede que se busque contemplar o tão variado e fascinante mundo da leitura. Por isso mesmo, acreditamos que seria interessante se todas as escolas públicas, ou não, pudessem contar com uma biblioteca, acervos volantes e sala de leitura que mantivessem um bom acervo e um orientador de leitura, o que seria um estímulo e tanto para os pequenos aprendizes.

Desejamos saber ainda se as professoras desenvolviam alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura. Obtivemos então as seguintes repostas:

"Através da predição". (Professora D)
"Adivinhações, música e conversa informal" (Prof.^a A)
"Leitura compartilhada, fábula, música". (Prof.^a B)

Diante das respostas obtidas destacamos a leitura compartilhada que consiste em uma leitura diária feita pelo professor de textos variados desde contos a notícias de jornal ou receitas, textos que são trazidos pelo professor e algumas vezes pelo próprio aluno; leitura feita pelo simples prazer de ler, sem nenhuma exigência burocrática. Uma outra atividade citada foi a predição que pode dar-se a partir dos próprios textos da leitura compartilhada, o que entendemos como uma estratégia de leitura que soma-se a antecipação. Direta ou indiretamente, essas estratégias *"tornam possível prever o que ainda está por vir, com base em informações explícitas, e em suposições"* (in cadernos da TV ESCOLA – Português, MEC, SEED, 2000) o que são a nosso ver muito válidas.

Como sabemos, o processo de ensino-aprendizagem é por demais complexo e ensinar a ler é considerado por muitos como algo muito difícil, com base nessa premissa desejamos saber se as professoras enfrentavam alguma dificuldades no ensino da leitura e quais eram essas dificuldades. Obtivemos assim, as seguintes respostas:

"Porque as crianças chegam numa determinada série com deficiência tanto na faixa etária como na leitura e escrita, formando assim uma turma heterogênea". (Professora A)

O depoimento acima nos remete a um fato expresso na LDB que prescreve que toda criança à partir dos 07 (sete) anos de idade deve ser matriculada na 1ª série tendo ela ou não condição intelectual para acompanhar a série supracitada.

Uma das maiores reclamações das professoras é justamente o "despreparo" especialmente no tocante à leitura das crianças que ingressam na 1ª série, o que, segundo elas desencadeia uma infinidade de problema de aprendizagem. Vale ressaltar que é nessa série que efetivamente as crianças devem aprender a ler. No entanto, a falta desse entendimento para parte das professoras finda por implica em dificuldades tanto para o aluno como para o

* Leitura compartilhada: É uma leitura que se ler por prazer, sem nenhum tipo de cobrança para o alunado.

professor. A inexistência das salas de alfabetização propriamente ditas, como há algum tempo atrás, e o fato de na 1ª série o professor vê-se obrigado a alfabetizar e a transmitir conteúdos de outras áreas como ciências e história o deixa atordoado. Já que entendem que para tal a criança deveria já saber ler convencionalmente.

Um outro agravante indicado por uma das professoras foi “*falta de recursos didáticos, falta de compromisso da família*” (Professora C). De acordo com os depoimentos anteriores há uma contradição na fala da professora C visto que as demais, quando questionadas sobre o material didático oferecido pela escola citaram diversos e essa mesma professora citou “*livros infantis*” o que nos leva a crer que esta esteja insatisfeita com a quantidade e ou qualidade do material oferecido pela escola. Assim mesmo, sabemos que algumas escolas têm carência de material didático, fruto principalmente de más administrações que não empregam bem o dinheiro público, deixando assim lacunas na assistência à infância escolar. Quanto à falta de compromisso dos pais há o fato de que a maioria desses são analfabetos e despreparados do ponto de vista intelectual, não podendo contribuir, como se espera delas, com o processo de aprendizagem dos seus filhos.

De modo geral a fala das nossas professoras é compreensível à medida que estas falam de acordo com a realidade em que vivem.

Inúmeros foram os pesquisadores a estudarem a alfabetização a luz de perspectivas diversificadas e todos os enfoques apontam para a complexidade do tema que, não pode ser reduzido a mera aprendizagem mecanizada da escrita alfabética como pura representação gráfica dos sons da língua que de acordo com FERREIRO e TEBEROSKY deve ser considerado como um processo mais amplo:

[...] A aprendizagem da leitura deve ser entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, iniciada muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além de métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento e não simplesmente de um sujeito mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia do lecto-escrita esqueceu[...]. (1986, p.11)

Portanto, cabe ao professor ficar atento às palavras de Ferreiro e conscientizar-se do fato de que a criança não é puramente um ser despreparado ou mal disposto a aprender e mais que isso observar que independente de sua contribuição enquanto professor a criança, mesmo em condição de aprendiz tem a capacidade de construir seu conhecimento.

AS DIFICULDADES NO ENSINO DA LEITURA DO PONTO DE VISTA DAS PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS SÉRIES INICIAIS.

Este texto tem como base a análise dos depoimentos de seis professoras de uma escola pública do município de Cajazeiras (todas fazem parte do quadro docente efetivo da Escola Vitória Bezerra, no transcorrer do ano de 2004, compondo assim o quadro de professores do ensino fundamental da referida escola) que gentilmente colaboraram com o estudo.

Para melhor guardarmos a identidade dos sujeitos envolvidos no estudo codificamos aqui as professoras como: A,B,C...,F. Como o tema pesquisado está diretamente ligado à leitura, uma das perguntas que compuseram o questionário para estudo foi: Para você o que é leitura? Obtivemos assim respostas bem significativas, como cada um lê com os olhos que tem, e pensa de acordo com sua visão de mundo. Pudemos constatar ainda, depoimentos interessantes como o que segue:

"A leitura é a forma de expressar o conhecimento, significado de texto, palavras, para integrar o ser ao seu meio obtendo informações que permitirá a melhor compreensão dos mecanismos da mente." (Professora A)

De fato, em linhas gerais ler pode significar interação com o meio. No entanto, a escola não está desenvolvendo bem esta tarefa, visto que os índices de analfabetismo no país ainda são alarmantes como também os índices de repetência nas primeiras séries do ensino fundamental, mais precisamente na 1ª série evidenciando no fato de que a escola enfrenta dificuldades para alfabetizar. Desse modo a maioria das crianças em idade escolar encontra-se às margens do letramento, portanto, desintegradas do seu meio e do que nele acontece do ponto de vista do letramento. Isso se justifica, uma vez que viver no mundo é estar literalmente "inteirado" dele, estar no mundo, com o mundo. Para Paulo Freire ler é uma forma de estar no mundo o que se traduz numa de suas célebres frases: *"A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da*

continuidade da leitura daquele." (2003, p.13). Pois o domínio da língua tem estreita relação com tudo que possa significar participação social, crescimento crítico e intelectual, construção de mundo e de conhecimento.

"Contar uma história, pedir que recontem oralmente..." (Profª. B)
 "Trabalhando com gravuras, propagandas, leituras oral de histórias infantis". (Profª. D)
 "Incentivo com livros de histórias, leituras compartilhada trazida pelos alunos". (Profª. E).

Percebemos pelos depoimentos acima que as professoras fazem uso da literatura infantil em suas aulas, o que geralmente agrada a criança especialmente quando estas histórias são contadas ou lidas pelas professoras, o que subentende-se na fala das depoentes. Acreditamos pois, que as atividades voltadas para literatura infantil são muito estimulantes, a medida que essas mexem com o imaginário, com a capacidade criadora, fantasiosa da criança e segundo Ferreira "o aluno que tiver a chance de ouvir o professor lendo em voz alta presenciará um ato quase mágico" (NOVA ESCOLA, JUN/JUL, 2001, p.18)

Ler em voz alta para o aluno seja uma história infantil, uma poesia, um texto jornalístico, uma receita ou outros são atividades que podem ser feitas diariamente. Esse hábito pode amadurecer na criança a compreensão da função dos diversos e variados signos lingüísticos.

Desejamos saber de nossas professoras de que materiais a escola dispunha para o trabalho com a leitura, e obtivemos as seguintes repostas:

"Fichas de leitura, livros didáticos e de literatura infantil". (Profª A)
 "Livros de leitura infantil e revistas". (Profª. D)
 "Livros de literatura infantil, jornal, jogos, rótulos". (Profª E)

O material oferecido pela escola é bastante significativo do ponto de vista da quantidade e variedade a medida que se trata de um ambiente escolar, e por isso mesmo espera-se que seja um ambiente alfabetizador portanto, rico em portadores de leitura. Sabemos que a realidade de nossas escolas apresenta lacunas também na quantidade e qualidade do material

didático oferecido às crianças. No depoimento das professoras percebe-se, que em sua maioria, citaram o uso do livro didático e o de literatura.

Sabemos que a diversidade textual é um bom aliado no ensino da língua e à escola cabe saber aproveitar o que essa diversidade oferece de maneira a facilitar o convívio do aluno com os mais variados textos do universo letrado, possibilitando assim, para o aluno a produção e interpretação dos textos que circulam socialmente. Deve-se colocar criança e jovens em contato com toda diversidade textual, mais que isso, deve-se incentivá-los, ajudá-los a compreender textos mais complexos.

LEITURA – O PRAZER DA DESCOBERTA

O ato de ler vai além do simples fato de decodificar letras e decifrar palavras. Em verdade estabelece uma relação entre leitor e objeto numa conjugação de fatores pessoais, momento, lugar e circunstâncias. Por isso, antes mesmo de aprendermos a ler palavras e frases, já estamos lendo bem ou mal o mundo que nos cerca, ou melhor, somos inseridos num processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler. Fato este, que ocorre bem antes da criança ir para a escola. Desse modo, concordamos com Goulart (1999, p.102) que traz uma grande contribuição para a compreensão do ato de ler quando diz que "ler é muito mais do que decodificar. Ler e saber ler são aprendidos ao mesmo tempo como um processo de construção de sentidos".

Sendo assim a criança vai aprendendo no seu cotidiano à partir de vivências diárias com o mundo letrado. É importante saber que a aprendizagem se dá gradativamente, e ao mesmo passo, a criança vai também construindo seu sistema de representação gráfica e linguagem. É nessa vivência com portadores de leitura que estão ao seu alcance e que as vezes ela desconhece a função que a criança passa a descobrir o prazer da leitura mesmo antes de aprender a ler convencionalmente.

De fato o ato de ler envolve o ser em todos os sentido, de forma individual ou integrada na convivência com outras pessoas e com o mundo, como afirma Martins (1994, p.25), quando diz que, "a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do individuo". O ato de ler em si é uma atividade complexa e de acordo com Martins (2000, p.34),

[...] prender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Assim, a leitura deve acontecer de maneira que todos se envolvam num processo que seja dinâmico e prazeroso, trazendo assim para o

ambiente escolar a impressão de que ler pode estar ao alcance de todos e que todos podem compreendê-lo, vivenciá-lo de maneira prática e até modificá-lo, de acordo com sua crítica como evidencia Cagliari (1995, p.50).

[...] Ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana. Ao aprender a ler ou a ler para aprender, o indivíduo executa um ato de conhecer e compreender as realizações humanas registradas através da escrita.

Sendo assim, a leitura é a realização do objetivo da escrita. A leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a uma necessidade pessoal.

De acordo com Cagliari (1985), tudo que se ensina na escola está diretamente ligado a leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. A escola que não lê muito para seus alunos está fadada ao insucesso. A leitura é uma decifração e uma decodificação. Na escola, a leitura serve não só para aprender a ler, como para aprender outras coisas, porque todos lêem, lêem para atender uma necessidade pessoal: saber quais são as notícias do dia, que novidades a revista traz, qual a receita do prato, como montar um equipamento, quais as regras do jogo, obter novos conhecimentos, aprender os encantos de um poema ou as emoções de um livro e aventura ou simplesmente ler por puro deleite.

A função do educador não é apenas a de ensinar a ler, mas, a de criar condições para que a criança realize sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses e necessidades já que a leitura é apenas um intermediário. Nesse cenário, o ato de ler em si é uma atividade complexa que envolve, desprendimento tanto do aluno, quanto do professor, pois requer deste o pleno envolvimento como incentivador, orientador e modelo. A maioria de nossas crianças tem contato de fato com a leitura, a convencional mesmo, na escola como evidencia Azevedo (2003, p.76),

"[...] A escola no Brasil, acabou se tornando um grande espaço mediador da leitura. E na escola que a maioria das crianças vai ter seu primeiro contato com o livro".

Daí dos livros mais conhecidos pelas crianças serem os didáticos o que a maioria das escolas oferece que de acordo com Azevedo (2003, p.79).

[...] são essenciais para a formação das pessoas, tem seu sentido e lugar, mas não formam leitores. É preciso que concomitantemente, haja acesso à leitura de ficção ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva.

Quando falamos em leitura e desejamos tornar possível a aquisição da leitura por outros, mais especificamente pela criança vale lembrar que se faz necessário o convívio com todo e qualquer tipo de texto. Vale ressaltar que a leitura de história é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários. Um bom texto deve admitir várias interpretações, superando-se assim o mito de que ler é somente extrair informação da escrita. O ato de ler em si é uma atividade complexa que envolve desprendimento tanto do aluno quanto do professor e requer deste o envolvimento como incentivador, orientador e modelo.

Dessa forma, com base na importância da leitura é necessário que a escola reconheça-a como tal e assim possa criar condições para que os novos graus de aprendizagem, criando um patamar para uma trajetória bem sucedida e servindo como ponto de chegada à realização pessoal, social e econômica. Assim, concordamos com Garcia e Perez quando afirmam que:

[...] a leitura não é apenas uma ferramenta que permite ter acesso às diferentes maneiras de interpretar a realidade que o ser humano foi elaborando ao longo da história, mas, fundamentalmente, é um instrumento útil para aprender de modo significativo, assim como aproximar os alunos (e todos os seres humanos) da cultura – ou múltiplas culturas – para aumentar a própria cultura e sobretudo, para desenvolver um tipo particular de raciocínio reflexivo.

Entende-se nessa perspectiva que a aquisição da leitura, vem portanto, embasada na leitura prévia que já temos acumulada, mesmo que seja de forma indireta. Também o nosso dia-a-dia contribui e muito para a formação de leitores mais compreensivos e críticos, pois enquanto se tem acesso à leitura de diferentes formas, têm-se cidadãos reflexivos. O trabalho com a leitura tem como finalidade à formação de pessoas capazes de escrever com eficácia. Se por um lado à leitura serve de base para a escrita, por outro contribui para a formação de cidadãos capazes de posicionar-se criticamente frente a realidade em que vivem.

Necessário se faz, além do conhecimento que o professor tenha, que este trabalhe também o interesse do educando para o ato de ler, tornando este ato eficaz e gratificante, tanto quanto prazeroso, a medida que a sala de aula venha a ser um espaço onde esse possa conviver com várias e diversas informações, gerando assim o hábito de ler enfatizando por Macedo (1999, p.122) que nos afirma que:

[...] quando a leitura é uma necessidade, um gosto apreciado num ambiente em que vive; se é partilhada, usufruída em comum, a criança desenvolverá o quanto puder a capacidade de ler.

Sendo a escola o lugar onde melhor se dá o convívio com a leitura, nada mais natural que esta propicie aos futuros leitores o convívio com diversos portadores de texto e que estes possam ter a oportunidade de vivenciar a leitura como um ato vital na sua formação. Para tanto, é necessário que o educando perceba que o professor deixe transparecer seu gosto pela leitura evidenciando o quanto é importante a aquisição da mesma pelo educando. Dessa maneira, se faz necessário que o professor receba todo o apoio da escola para que possa criar, dinamizar suas aulas, tendo à sua disposição e dos alunos livros, revistas, jornais, bulas de remédios e outros. Portanto, é conveniente que o professor tenha uma consciência crítica sobre leitura e sobre sua função enquanto formador de opinião, buscando assim, viabilizar uma prática pedagógica eficiente cujo resultado atenda aos objetivos curriculares da escola e seus próprios objetivos enquanto educador. De forma a envolver todos nessa compreensão do processo de aquisição da leitura, fundamentamo-nos na citação de Sole (1998, p.33),

[...] o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas, na própria conceitualização do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no projeto curricular da escola, dos meios que se arbitram para favorece-la e naturalmente das propostas metodológicas que se adaptam para ensinar.

Tal afirmação mostra que os professores devem estar devidamente instrumentalizados. Dessa forma, ao conquistar o ato de ler para si mesmo dentro de condições propícias, eles estarão aumentando o seu

repertório de conhecimentos, podendo assim reverter em incremento do trabalho pedagógico.

O professor que se destina a alfabetizar precisa ter em mente que mais ensinar a decodificar os signos lingüísticos este tem que ensinar o educando a compreender o que e lhe apresenta como objetivo de leitura, pois de acordo com Freire a leitura, o hábito de ler deve ser principalmente um ato de compreensão e ler não se resume a ler mecanicamente tudo que está escrito mas, compreender o que este ou aquele texto dizem qual a intenção deste ou daquele autor quando escrever sobre determinado assunto e este é um exercício que se faz paulatinamente, exaustivamente, continuamente todos os dias, do qual o professor-educador pode ser o melhor mediador.

É necessário também, que o professor tenha a compreensão de que seu aluno é mais que uma caixinha vazia onde ele, professor, vai depositar todo o seu saber. Essa compreensão faz com que o professor percebe que o educando é um ser pensante, sensível e inteligente, faz com que o professor perceba também que esse educando vive num mundo complexo, de realidade diversa, por isso, às vezes dura. Assim, o professor perceberá que ensinar a ler a uma clientela que quase sempre está à margem da sociedade é mais que somente ensinar a ler, mas, fazer desse ensinar a ler um "abrir os olhos" para a realidade, um ato político como dizia Freire.

Alfabetizar como já foi dito aqui, é um ato complexo, que envolve "n" fatores, por isso, acreditamos que alfabetizar só tem sentido se consideramos o alfabetizando como um todo, ou seja, como um ser também complexo. Acreditamos que como dizia Freire alfabetizar é essencialmente um ato de criação e sendo assim, tem no alfabetizando o seu sujeito não um objeto. Palavras de Freire:

[...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (2003, p.38)

Através da fala de Freire nos remetemos aqui ao psicólogo e biólogo Piaget que muito contribuiu com seus estudos para a compreensão dos

mecanismos da inteligência o qual culminou com uma contribuição ímpar à educação com um todo, quando este também percebe que a criança é mais que um adulto em miniatura e sim um ser muito inteligente capaz de construir seu próprio conhecimento.

É sabido portanto que em diversas circunstâncias para se aprender algo é necessário que haja quem o ensine, mas isso não quer dizer que o sujeito em situação de aprendiz deva anular-se, pelo contrário, como provam estudiosos como o próprio Piaget. Em se tratando de criança então, a inteligência é viva, pulsante e Piaget provou isso com seus estudos que demonstraram o desenvolvimento da inteligência na criança que, para Piaget, se dá por meio de estágios para os quais os adultos, nesse caso, os professores, devem ficar atentos.

Desde a pré-escola à todo o transcorrer da vida humana a capacidade de aprendizagem deve ser estimulada a medida que fortalecida. Portanto, cabe à escola e especialmente ao professor dar estímulos positivos para que a criança possa organizar seu pensamento, criar estratégias e construir seu próprio conhecimento e isso se estende para a aquisição da leitura e escrita.

Acreditamos que o letramento é para toda a vida, porque é fácil aprender os códigos de leitura e escritura mas, o crucial mesmo é dar significado a estes. Por isso se lidamos com alunos cujas famílias tem pouca ou nenhuma escolaridade, enquanto professores, nesse caso, obviamente, letrados assumimos um papel de fundamental importância no letramento deles. Portanto, repetimos, cercar as crianças da maior quantidade de portadores de texto possível, tendo que elas não tenham em casa: livros, revistas, jornais, material impresso de todo tipo, porque nesse caso vale ressaltar que só se aprende a ler se tem a oportunidade para tal.

A leitura e a escrita são complementares e estão fortemente relacionadas. Quantos mais atos de leitura a escola proporcionar aos alunos mais chances terá de transforma-los em cidadãos, usuários, competentes e participantes do desenvolvimento da vida em sociedade e isso só ocorrerá se a escola passar a ensinar as funções da língua e não somente os códigos da leito-escrita.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do presente estudo optamos por um de caráter exploratório, uma vez que "explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno" (SILVA, 2000, p.26).

Optamos pelo questionário que foi aplicado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Vitória Bezerra, localizada à Avenida Francisco Matias Rolim, 587, no município de Cajazeiras. O referido questionário contou com perguntas abertas e fechadas, que de acordo com CARVALHO (1988, p.156) "ordenadas mais simples para as mais complexas". A escolha do questionário deu-se porque, de acordo com PAONA (2000, p.25) "é instrumento de pesquisa mais adequada, por que é fácil de decodificar e tabular propiciando comparações com outros dados relacionados ao tema estudado." Com vistas a aquisição de dados, o universo estudado contou com 06 (seis) professoras com atuação no Ensino Fundamental (primeira fase). A escola supracitada escolhida para o estudo conta em sua estrutura com 07 (sete) salas de aulas, diretoria, cozinha, 05 (cinco) banheiros, 01 (um) depósito e 02 (dois) pequenos pátios, atendendo assim crianças, em sua maioria, de origem humilde, oriundas da periferia ou zona rural de Cajazeiras. Os sujeitos do estudo afirmaram viver, em constante formação por isso, participam de todos cursos oferecidos pela secretária municipal de educação tais como: PROFA, estudos PCN'S e por outras entidades educativas.

Desse modo, refletimos junto ao corpo docente da EMEIEF Vitória Bezerra, através das reuniões de estágios, onde juntos estudamos e debatemos textos como: concertos de leituras de Rubem Alves, Fracasso e Sucesso escolar: os dois lados da moeda de Valéria Barbosa de Resende, Encontrando sentido na leitura de Sara Meuck, como Semear leitores em sala de aula de Denise Pellegrini, pondo a leitura em roda livre e outros. As atividades realizadas por eles vinham ao encontro das dificuldades enfrentadas pelos alunos. Também questionávamos se a metodologia usada fazia sentido para o alunado e que fatores influenciavam na dificuldade de aprendizagem do ensino da leitura.

EXPECTATIVAS E REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DA LEITURA

A temática dos estudos realizados com as professoras da Escola Municipal Vitória Bezerra. Dificuldades no ensino da leitura deram origem a diversas questões, fruto de amplos e calorosas discussões nos encontros que se seguiram. Assim, registramos os questionamentos e importantes opiniões emitidas pelas professoras envolvidas nesse estudo.

Muitos foram às expectativas dos sujeitos envolvidos e a mais pungente para estes era a compreensão do que de fato seja a leitura e de seu real valor no processo ensino-aprendizagem.

Em um dos primeiros encontros indagamos as docentes quanto ao conceito de leitura e pudemos assim encontrar depoimentos ilustrativos como o que segue: "A leitura em si é um processo, o qual precisa de ser construído, passo a passo no desenvolvimento de ser humano" (Professora F).

Observamos no depoimento acima que a depoente avançou em sua reflexão já que quando do questionário ela falava de leitura como pura decodificação de signos lingüísticos.

Ler, para ela seria um processo puramente mecânico que poderia acontecer ou não dependendo da circunstância, sem etapas, num estalo. Nessa nova reflexão observamos que a depoente já superou seu entendimento restrito de leitura, à medida que se aproxima dos estudos de Piaget que destacou entre outras coisas a construção do conhecimento pelos alunos desde a mais tenra idade e isso se estende para a aquisição da leitura, que não deixa de ser um processo em continua construção, que através da organização do pensamento passa por diversas etapas de grande significado na aquisição do saber. Para um melhor entendimento citamos FERREIRO (1999, p.29),

"O sujeito que conhecemos através da teoria do Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e troca de resolver as interrogações que este mundo provoca [...] É em sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamentos ao mesmo tempo em que organiza seu mundo."

Percebemos portanto, que de fato todo processo de aprendizagem seja ele qual for é processo de construção e que este fato deve ser levado em conta por todo e qualquer educador especialmente no caso do ensino da língua escrita e falada.

No encontro seguinte, discutíamos o fracasso e o sucesso escolar e os nossos colaboradoras foram enfáticos quando perguntávamos-o que era um e outro. O discurso foi: “o fracasso se dá quando há um grande número de reprovação e o sucesso, o contrário”.

Logo, prosseguimos, será? E quando há um grande número de reprovação, quem de fato fracassou, a escola, o professor, o sistema ou o aluno? Ao que obtivemos a seguinte resposta da Professora D,

“De fato é difícil detectar onde há mais folhas, essa questão é muito complexa e certamente há participação de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, não dá para culpar A ou B. todos direta ou indiretamente temos uma parcela de culpa”.

Acreditamos que a questão do fracasso ou sucesso escolar envolve todo um conjunto de aspectos que talvez independam da nossa vontade ou dos nossos sonhos.

Num outro momento discutíamos o sentido da leitura, que significado esta poderia ter no processo de ensino-aprendizagem. Apresentamos abaixo os depoimentos mais ilustrativos.

“É importante fazer com que a criança perceba que ler é fundamental e que pode ser gostosa. Nem toda leitura é chata”
(Professora B)

“É necessário que tanto professor quanto aluno gostem de ler, que o aluno possa compreender as diversas funções da leitura, só assim ela vai ter significados para ele” (Professora E).

As professoras nos depoimentos acima demonstraram sensibilidade e muita coerência. Há tempos vêm-se repetindo que ler é fundamental, em nossa sociedade e que o professor pode e deve ensinar isso como se ensina a manipular um brinquedo novo, com entusiasmo e alegria como nos esclarece Rubem Alves “ a escola insiste em estragar a leitura. Ela deve ser solta vagabunda sem relatórios.” (NOVA ESCOLA).

A alegria de aprender a ler é inexplicável e cotidianamente isso estampado no rosto de nossas crianças quando se descobrem leitores pois as vezes o aprendizado da leitura acontece de maneira surpreendente como nos esclarece FERREIRO "as crianças têm o mau costume de não pedir permissão para começar a aprender". (NOVA ESCOLA, JUN/JUL, 2001, p.13).

A fala de FERREIRO é um fato quantos de nós não fomos surpreendidos com a novidade de um ou outro aluno lendo, assim como que de repente, mas, isso não significa deixar aleatório esperar acontecer, ao contrário, é preciso insistir apresentar vários portadores de texto e como sugere FERREIRO ler uma voz alta para a criança, se possível todos os dias o que nossas professoras afirmaram fazer no seu cotidiano.

Discutimos em nossos encontros tudo que estivesse mais próximo do hábito de leitura e tudo que significasse interesse para os nossos colaboradores. Apesar dos discussões anteriores e de termos percebido uma certa maturidade nos mesmos, percebemos que o ato de ler para algumas delas ainda é um tanto pesado e estas reconhecem isso.

"Sei da importância do ato de ler, de ler nos entrelinhas, compreender, tomar gosto, mas, confesso que a maior dificuldade, que sinto em ensinar a ler se dá justamente por eu ter minhas reservas quanto a este ato, confesso que não gosto muito de ler, que sou um tanto preguiçoso" (Professora C).

"Sinto dificuldades quando da escolha de que textos indicar ou ler para a turma" (Professora).

"Houve um tempo em que eu tinha mais dificuldades, hoje já leio mais, no interesse por leituras variadas e tento passar isso para os meus alunos" (Professora F).

Estas falas justificam-se porque o tema discutido era como semear leitores em sala de aula para o qual todos concordaram que é preciso incentivar com convicção e aproveitar toda e qualquer abertura para uma nova leitura. Percebemos portanto, que ensinar a ler é tarefa árdua sim, mas pode ser fácil, porque é prazerosa, prática e umas poucas coisas ensinadas na escola que ficam para sempre, por ter sentido pratico. Repetimos, não dá para ensinar a ler se não gostamos de ler, apesar disso ser uma triste realidade como nos esclarece Ana Maria Machado "Ninguém contrata um instrutor de

natação que não saiba nadar. Mas temos professores que não lêem” (NOVA ESCOLA, 2001, p.21)

Um dos momentos importante dos nossos encontros deu-se quando discutíamos as atividades de leitura que as professoras costumavam utilizar em sala de aula e algumas sugeridas com o auxílio do texto “pondo a leitura em roda livre”.

“Adivinhações, músicas...” (Profª. A)

“Leitura compartilhada, fábulas, reconto...” (Profª B)

“Adivinhas, caça-palavras...” (Profª F)

Observamos que as atividades descritas pelas professoras chegam a ser interessante, mas, não o suficiente, por isso, insistíamos, alertando para a necessidade de lêem em voz alta para as crianças de levá-las a conhecer textos variados desde contos, lendas, poesias, crônicas à textos informativos, leituras de bulas, receitas etc. Tendo em vista a busca incessante em despertar o gosto pela leitura, tão falada em nossos encontros e tão almejado por todo alfabetizador, citamos mais uma vez Ana Maria Machado que nos aconselha: “É preciso despertar aos alunos a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado” (NOVA ESCOLA, 2001, p. 21).

Ao finalizarmos os nossos encontros discutimos a validade dos mesmos, quais impressões as professoras tinham dos estudos, ao que assim se pronunciaram.

“Trabalho significativa especialmente pelo objeto de estudo evidenciando. Considerando que a leitura é, no processo ensino-aprendizagem o aspecto determinante no êxito das aquisições de conhecimentos necessário à construção da conduta cidadã” (Professora F).

Os encontros tiveram bastante rendimento por passarem novas idéias de como trabalhar a leitura em sala de aula de forma satisfatória e prazerosa” (Professora A).

“Os encontros foram muito proveitosos. Valeu pelos textos trabalhados, pelas informações, e trocas de experiências” (Professora B)

Diante das discussões que se deram durante os encontros percebemos que de fato há muitas dificuldades no ensino da leitura, mas as

professoras mostraram-se abertas as novas experiências e esforçam-se muito por serem dinâmicas, criativas e incentivadoras ao máximo.

A nosso ver de todas as dificuldades enfrentadas a maior delas diz respeito às próprias professoras que ainda não cultivam de forma ampla o hábito de ler; um outro fator é ainda a idéia de alfabetizar com a preocupação exclusivamente lingüística, como se isso por si só bastasse. Diante de algumas conversas percebemos que o histórico de alfabetização das professoras, ou seja, a maneira como estas alfabetizaram-se influi muito na sua prática e vem daí uma certa aversão a determinadas leituras, pois, um dos comentários feitos por elas é que textos extensos não lhes agradam, não gostam de ler por exemplo jornal, só a página de horóscopo ou novelas, assim. Percebemos que não há hábito de ler, por parte das professoras o que deixa claro que com estas limitações se torna realmente difícil efetivar um bom relacionamento com a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática leitura tem sido muito evidenciada nos últimos tempos sendo fruto de estudo de grandes pesquisadores, o que despertou-nos para a realização de mais um estudo. Agora feito em universo muito familiar a nós pesquisadoras, o ensino público municipal, o qual trouxe-nos muitos aprendizados pelo fato de estarmos muito próximas dos sujeitos envolvidos no estudo e pelo fato do universo escolar nos ser muito familiar.

Os sujeitos envolvidos no estudo mostraram-se entusiasmadas, dispostos a colaborar e abertos a novas horizontes o que é muito significativo em um trabalho como o que nos propusemos a realizar.

Os encontros que se seguiram foram uma oportunidade para que as professoras revessem antigos conceitos e uma oportunidade para refletirem sobre sua prática e hábitos de leitura.

Um aspecto considerado negativo pelo grupo foi o curto espaço em que se deram os encontros, até porque a medida que se davam as discussões surgiram novas dúvidas e idéias, sendo assim necessário algumas vezes o replanejar de nossas ações.

No geral, o estudo foi proveitoso e gratificante para todas as participantes envolvidas, mas foi só o início de um longo processo de pensar-repensar o ensino da leitura.

Sendo a leitura um hábito de suma importância na vida de todos, acreditamos que não se esgota aqui o nosso interesse pelo tema estudado e isso nos remete ao compromisso de nos aprofundarmos nessa temática, desejando assim que o trabalho que ora apresentamos seja propulsor de novos trabalhos que virão a ser feitos nessa área sempre com intuito de contribuir para a formação e crescimento intelectual de quem se interessa pelo tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. *Como o ar tem cor, se o céu é azul? Vestígios dos contos populares na literatura infantil*. São Paulo: USP. (Dissertação de mestrado).

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguagem*; 8 ed.; São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Organização e apresentação Marisa Loyola – 1ª ed.; São Paulo: Moderna, 2003 (Coleção palavra da gente; v.1. Ensino).

GOULART, Cecília Maria. Ler rima com viver: Construção de significados. IN: *Salto para o futuro: Ensino Fundamental*. Vol. I; Brasília: ME, SEED, 1999, P.99-104.

MACEDO, Stella M.M. Cultivando o prazer da leitura: o prazer de ler desde pequeno. IN: *Salto para o futuro: Ensino Fundamental*. Vol II. Brasília: ME, SEED, 1999; p. 121-124.

SOLE, Isabel e SCHILLING, Cláudia. *Estratégias de Leitura*. 6ª ed.; Porto Alegre: Artnd, 1998.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 19ª ed.; São Paulo: Brasiliense – 1994.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO: PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRINC. E MET. SUPERV. ESCOLAR III
DOCENTE: ELZANIR DOS SANTOS
DISCENTES: ADRIANA CARTAXO DA SILVA
MARIA CIPRIANO DA SILVA (MARILENE)

Caras Professoras,

É com muito prazer que voltamos a contactar com co vocês.

Pedimos a sua colaboração na realização deste estudo que tem por objetivo principal, analisar quais as dificuldades encontradas pelas professoras desta escola, com relação ao ensino da leitura.

Esperamos contar com a sua participação ativa emitindo informações claras e manifestações sincera de suas opiniões, que serão de grande importância para o sucesso de nosso estágio, que se constituirá de reuniões de estudo sobre o tema aqui apresentado, junto à vocês.

QUESTIONÁRIO

1. Você tem o hábito de ler?

Sim Não

2. Que tipo de livro você costuma ler?

romance

livros

revistas

Outros. Explícite _____

jornais

3. Você enfrenta dificuldade no ensino da leitura?

Sim Não

Caso sua resposta seja afirmativa explicita quais são elas:

4. Que tipo de leitura você utiliza em sala de aula?

livros didáticos

embalagem em geral

revistas

livros de coleção (literatura infantil)

jornais

receitas culinárias

Outros.

bulas de remédios

Explícite _____

5. Você desenvolve alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura?

Sim Não

Justifique:

6. Como você avalia o rendimento dos seus alunos em relação a leitura?

Excelente

Regular

Bom

Péssimo

7. Quanto aos materiais disponíveis na escola para os ensino da leitura. Você os considera:

Totalmente satisfatório

Pouco satisfatório

Satisfatório

Insatisfatório

8. Que tipo de material didático a escola dispõe para o trabalho com a leitura?

9. Para você, o que é leitura?

10. Que atividade você desenvolve para despertar nos alunos, o gosto pela leitura?

PAUTA

2º Encontro

Estagiárias: *Maria Cipriano da Silva*

Adriana Cartaxo

Publico alvo: *Professoras das séries iniciais*

Local: EMEIF. Vitória Bezerra

Data: 05/11/04

Tema:

Fracasso e Sucesso escolar: os dois lados da moeda de Valéria Barbosa de Resende.

Objetivo:

- ✓ Refletir sobre o fracasso e sucesso escolar.
- ✓ Analisar o fracasso escolar no contexto atual.

Estratégias

Distribuir o texto com as professoras e pedir que formem duplas para ler e discutir o texto. O texto foi dividido por sub-temas. Após a leitura foi aplicada a brincadeira da "batata" que consiste em várias perguntas dentro de uma caixa, que vai passando de mão em mão ao som de música, quando a música para quem está com a caixa, retira uma pergunta e responde. Para finalizar comentários sobre o tema fracasso escolar.